



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Brasil

Campos Neme, Tatiane; Prette Pereira, Zilda Aparecida del; Prette, Almir del  
(Sobre)vivendo nas Ruas: Habilidades Sociais e Valores de Crianças e Adolescentes  
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 13, núm. 3, 2000, pp. 517-527  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18813319>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## (Sobre)vivendo nas Ruas: Habilidades Sociais e Valores de Crianças e Adolescentes

Tatiane Neme Campos <sup>1 2</sup>  
Zilda Aparecida Pereira Del Prette  
Almir Del Prette <sup>3</sup>  
Universidade Federal de São Carlos

---

### Resumo

As crianças e adolescentes em situação de rua apresentam valores e expectativas que podem ou não ser estratégias de sobrevivência. Estas estratégias, por sua vez, ocorrem usualmente via interações sociais, por meio de um elaborado repertório de habilidades interpessoais. O presente estudo investiga os valores, crenças e expectativas de vinte e oito meninos nas ruas da cidade de São Carlos (SP). As informações foram coletadas por meio de entrevistas informais, entrevistas estruturadas e aplicação de um inventário de habilidades sociais. No caso deste estudo, o levantamento de frequência dos comportamentos que então apresentados em tabelas. Os demais dados foram analisados por análise de conteúdo. Os resultados mostraram que: a) a rua é utilizada como local de trabalho mais do que de moradia; b) as atividades realizadas pelas crianças requerem habilidades interpessoais, sendo mais frequentes aquelas relacionadas à defesa de direitos, negociação e recusa; e, c) as crianças identificam valores e condutas socialmente valorizados, como a própria e apresentando desejos de ascensão social e de superação da situação em que se encontram. De acordo com a realidade cotidiana dessa população, suas expectativas, valores e habilidades sociais para enfrentar as condições previstas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.

*Palavras-chave:* Habilidades sociais; crianças de rua; cidadania; estratégias de sobrevivência.

### Surviving in the Streets: Social Skills and Values of Children and Adolescents

#### Abstract

Children and adolescents living in the streets develop values and expectations that may or may not be survival strategies. These strategies happen through social interactions, possibly requiring an elaborated repertoire of interpersonal skills. This paper investigated these aspects in a sample of twenty-eight boys living in the streets in an urban area (São Paulo - Brazil). Data were gathered by informal chats, structured interviews and the application of a social skills inventory which were subsequently (organized in both thematic categories of content and in frequency tables). The results showed that: a) the streets are used as place to work more than to live (as *home*); b) the activities performed by the children require interpersonal skills, being more frequent those related to rights defense, negotiation and refusal; c) the children identify socially accepted values and conducts, establishing their own ethics and presenting expectations of social advancement by school education - and of overcoming their living conditions. It is discussed the relations among the children's daily reality, their expectations, values and social skills required for coping with these conditions and the rights provided by the Adolescent Brazilian Statute are discussed.

*Keywords:* Social skills; street children; citizenship; survival strategies.

---

que abandonaram ou foram abandonados pela família e para as quais as ruas representam local de moradia, trabalho, lazer e relações afetivas. Alves e colaboradores (1998) caracterizam os componentes deste primeiro grupo pela aparência de abandono, os aspectos de descuido e de falta de higiene, o vagar pelas ruas sozinhos ou em grupo, desacompanhados de um adulto responsável. O segundo grupo (crianças na rua) é constituído por aqueles que ficam grande parte do dia nas ruas, trabalhando, pedindo esmolas e brincando, utilizando os recursos obtidos para a sobrevivência própria e da família. Martins (1996a, 1996b) discute os vários critérios definidores para o uso do conceito de crianças na rua, tanto os propostos por instituições como a UNICEF, como por diversos pesquisadores. Sua posição é a de que os estudos tipológicos devem considerar, ainda, a família e a sociedade em que a criança está inserida. Neste segundo grupo, as crianças voltam para casa ao final do dia, possuindo ainda um vínculo familiar. Segundo Rafaelli (1996, p.124), “a fronteira entre esses dois grupos é muito permeável e muitas crianças alternam-se entre eles, especialmente nos primeiros períodos de vivência nas ruas”.

Em qualquer parte do mundo, o fenômeno de busca das ruas (100 milhões de pessoas, conforme a UNICEF) está relacionado com a pobreza, estimando-se que 75% dessa população seja constituída por crianças e adolescentes. Embora as estimativas e as metodologias utilizadas para a verificação sejam contraditórias (Rosemberg, 1996) o fato, em si, possui uma dimensão política inquestionável. Koller e Hutz (1996) preferem a terminologia “em situação de rua”, para abranger os dois grupos, operacionalmente identificados com base no uso da rua, aparência (vestimenta e higiene) e atividade (trabalhar, perambular, esmolar e brincar). Nas cidades brasileiras, é freqüente a passagem episódica da criança e, principalmente, do adolescente, pelas ruas, com atividades e aparência acima descritas, sem que possam ser

contradição entre a vulnerabilidade delas de enfrentar situações, com “desenvolvimento” (perda de oportunidade de proteção e assistência dos adultos) que alta taxa de instabilidade emocional, in comportamentos regressivos, ansiedade

Alguns estudos (Aptekar, 1996; Koller e Rafaelli, 1996) indicam que a visão ne população vem mudando ou sendo últimos anos. Aptekar (1996) identifica estereótipos negativos sobre essas crianças antes vistos como delinquentes, viciados mentalmente, embora ainda em risco. Hutz e Koller (1997) chamam a atenção para a lacuna de pesquisas existentes no desenvolvimento com essa população, o que dificulta uma avaliação mais precisa de po e seqüelas nas crianças que vivem nessas condições. Rafaelli (1996), a percepção destas condições vem sendo direcionada para uma maior compreensão do impacto da situação de vulnerabilidade no desenvolvimento enquanto sobrevivente e do caminho possível e viável para chegar a

As estratégias de sobrevivência, segundo Koller (1982), estão relacionadas com a condição econômica e representam truques adaptativos no âmbito familiar, nos grupos ou nas comunidades para a manutenção da família. Elas são fruto de experiências cotidianas com as demandas impostas pela realidade circundante, por meio de processos de aprendizagem e de desenvolvimento envolvidos como a observação direta e a consequência. Certamente, algumas habilidades aprendidas em casa servem como base para aquisições, por exemplo, a negociação e a defesa de direitos que ocorrem predominantemente em contextos sociais.

A importância da interação social na

340) identificam nas formas de relacionamento hierárquicas e entre iguais e no desenvolvimento dos significados e sentidos, bem como das normas de relações intra e entre grupos. A sobrevivência das crianças em situação de rua depende, criticamente, de interações sociais sendo a natureza, a qualidade e a efetividade destas determinada, entre outros fatores, pelo repertório interpessoal do indivíduo e, ao mesmo tempo determinante do desenvolvimento desse repertório.

Pode-se afirmar que esses aspectos vêm sendo objeto de interesse na Psicologia, sob diferentes enfoques. O campo teórico-prático das Habilidades Sociais (termo que também designa um de seus conceitos-chave) é um deles. Trata-se de uma área que apresenta interfaces dentro da Psicologia (Desenvolvimento, Clínica, Social etc.) e com a Sociologia e a Antropologia e que vem se ampliando progressivamente em várias partes do mundo, embora, no Brasil, ainda seja relativamente incipiente (Del Prette & Del Prette, 1996; 1999).

São muitas as definições de habilidades sociais encontradas na literatura e elas variam de acordo com os modelos teóricos adotados (Caballo, 1993). Não é objeto deste estudo discutir as questões pertinentes às definições veiculadas na área, podendo-se para isso remeter o leitor a vários outros autores (Hargie, Saunders & Dickson, 1981/1994; Hidalgo & Abarca, 1982; Trower, 1995). Para Del Prette e Del Prette (1999), as habilidades sociais (HS) podem ser definidas como “um constructo descritivo do conjunto de desempenhos apresentados pelo indivíduo diante das demandas de uma situação interpessoal” (p. 47). Tais desempenhos são caracterizados por componentes abertos, cognitivo-afetivos e fisiológicos que, quando adequadamente articulados entre si e ao contexto situacional e cultural, mostram-se serem funcionais para: a) a consecução dos objetos; b) a manutenção ou melhoria das relações com o interlocutor; c) a manutenção ou melhoria da auto-estima; d) a manutenção ou ampliação dos direitos humanos

cultura, de acordo com a id  
educação. Assim, a análise  
juntamente com os aspectos  
inerentes – das crianças e ad  
rua, além de ampliar o  
funcionamento psicológico de  
para a compreensão da dimens

A maior parte das pesqu  
adolescentes da/na rua têm  
objetivas e de saúde dessa po  
funcionamento e ajustament  
Rafaelli, 1996), verificando-se,  
análise de procedimentos qu  
dessa clientela (Rosemberg, 1  
estar ocorrendo em função d  
dados (Aptekar, 1996), mas ta  
função da preocupação com  
caracterização geral dessa pop  
de outros estudos. De todo m  
no país não tem registrac  
habilidades sociais como temá  
provavelmente porque o inter  
recente entre nós.

Com base nas consi  
predominância de meninos,  
situação de rua (cf. Maciel, 1  
objetivo deste trabalho foi  
aspectos da competência socia  
e valores) presentes nas est  
utilizadas por meninos enco  
cidade, de aproximadament  
interior de São Paulo.

## Método

### Participantes

A amostra constituiu-se  
representavam, na época da co

Tabela 1. Distribuição dos Meninos em Subgrupos conforme os Instrumentos Utilizados na Coleta de Dados

Grupos	Participantes	Instrumentos
G1	S1,S2,S3,S4,S5,S6,S7,S8,S9 e S10	Conversas informais
G2	S11, S12, S13, S14, S15 e S16	Entrevista semiestructurada
G3	S15, S16, S17, S18, S19, S20, S21, S22, S23, S24, S25, S26, S27 e S28	Inventário de Habilidades, Crenças e Sentimentos

### Instrumentos

*Roteiro de Entrevista.* Abordava dados pessoais (idade, escolaridade, mudanças de escola e motivos), forma de obtenção de recursos para sobrevivência (ajuda de familiares, trabalhos esporádicos, esmolas, furtos etc.), uso do dinheiro e da rua, qualidade das relações com a família, amigos e outros, rotina diária, desejos e aspirações.

*Inventário de Habilidades, Crenças e Sentimentos* (Anexo A). Adaptado de Del Prette, Del Prette e Barreto (1998), contendo 43 itens, dos quais: 15 descreviam situações interpessoais e uma reação indicadora de habilidade social (cuja frequência podia ser avaliada por meio de uma escala tipo *Likert*, de cinco pontos); 17 itens avaliavam o grau de competência na emissão dessas reações (também avaliada em uma escala de cinco pontos); e 11 apresentavam afirmações sobre crenças e sentimentos sobre direitos (para indicação de concordância ou discordância). Para conferir um caráter menos formal e mais concreto à avaliação, foi confeccionada uma régua especial com a ilustração dos níveis da escala e um indicador móvel manipulável pelo participante no momento de responder cada item. Em quatro itens do inventário, a redação utilizava um fraseado negativo (7, 20, 28 e 32) cujos valores foram posteriormente invertidos para o cômputo dos escores dos respondentes.

### Procedimentos

*Coleta de Dados.* Foi realizada inicialmente

No contato inicial com cada rua, foi explicado que se tratava de um estudo acadêmico para obter maior conhecimento sobre a realidade que estavam nas ruas, solicitando-se o seu consentimento e garantindo-se o seu anonimato.

*Análise dos Dados.* As informações coletadas a partir de conversas informais e entrevistas foram analisadas buscando-se identificar as classes de comportamento de acordo com a experiência nas ruas e às estratégias utilizadas. As informações colhidas com o inventário foram organizadas em tabelas de frequência para as reações indicadoras de habilidades sociais, concordâncias com os conteúdos dos itens sobre crenças, direitos e expectativas. Foi feita a correlação entre os valores das reações e escores por sujeito.

### Resultados e Discussão

#### Dados de Conversas Informais e Entrevistas

A análise do conteúdo das entrevistas revelou que a experiência nas ruas e a busca por sobrevivência permitiu identificar três conjuntos de informações: a) uso do espaço físico para atividades; e c) a convivência com o uso da força. Nos demais itens da entrevista de certo modo foram encontrados esses três conjuntos, examinados a seguir.

conseguir dinheiro, isto é, para trabalhar e sobreviver, como já identificado em outras pesquisas (Martins, 1996a; Rafaelli, 1996)

Quanto à utilização das ruas, S16 relatou que essa prática está sujeita a três critérios: a) o de chegar em primeiro lugar; b) o de obter permissão através de pedido; c) o de “*comprar*” o uso da rua. Ele relatou também que teve que “*comprar o ponto*” da rua na qual trabalhava vigiando carro, pagando com dinheiro (e não em espécie). Já S15 constituiu exceção, escapando desses critérios ao *herdar* o ponto com a morte do irmão que o ocupava. Possivelmente, o caso de morte do menino foi considerado uma justificativa razoável para a quebra das normas vigentes na concessão do ponto a seu irmão.

#### Atividades

As ocupações, relatadas pelos participantes do G2 (entrevistas) para obter recursos financeiros foram agrupadas na Tabela 2.

relacionamentos interpessoais com estranhos, que demandam habilidades sociais, manter e encerrar conversas com pessoas, manter e encerrar conversas com pessoas, mesmo apresentar polidez, reconhecer e exercer competência social destas crianças.

#### Convivência com o Uso de Drogas

O relato de uso de drogas, durante a entrevista, foi abordado com o participante S25, que relatou ter usado drogas desde a infância, sendo corriqueiro pelos meninos. Apoiado por S25, relataram usar ou já ter usado drogas durante o tempo razoavelmente contínuo, citando a maconha e o crack. A referência também à cola de sapateiro. Esses dados não permitem classificar a tipologia da OMS (Noto, Noto, Carlini, 1997), que considera o uso de drogas como uma frequência de uma a três vezes no último

Tabela 2. Tipos de Trabalhos Realizados pelos Participantes do G2

Trabalhos	Participantes
vigiar carros	S11, S12, S13, S14, S15,
pedir esmolas	S11, S13
vender sorvetes nas ruas	S11, S15
<i>office-boy</i> em banco	S15, S16
servente de pedreiro	S14, S15
bater estaca	S15, S16
aquisição/venda de sucata, papelão	S11, S14
jardineiro	S11, S13
depósito de alumínio	S14
sorveteria do Educandário	S15
funilaria	S14
telefonista	S16

*dia eu experimentei*". Ele relatou a interrupção do uso quando começou a ir a uma igreja evangélica e diz usar hoje só cigarro comum. Fez referência também ao fato de ainda ir à igreja uma vez por mês. Possivelmente, a questão do valor (idéia de pecado) parece estar na base do abandono da droga, fortalecendo o comportamento de recusa quando confrontado com a situação de uso. Uma outra criança (S16) relatou ainda as sensações propiciadas pelas diferentes drogas: "*quando você cheira cola, você pensa numa coisa e começa a cheirar, mesmo que seja impossível, você vê a coisa na sua frente e você está ali dentro*"; já com a maconha "*todas as coisas que o nego faz é engraçado; a cocaína não fazia efeito nenhum*"; e "*o crack só dá vontade de fumar mais, mas só fazia mal, dava dor no estômago e suador*". As referências à cocaína fazem supor que se tratava de produto falsificado, tanto pelo relato de ausência de efeito, como pela possível dificuldade de obtenção, uma vez que seu

principalmente porque não estava inserido no círculo de não consumidores, como era o caso de quem freqüentava a igreja evangélica.

#### Dados do Inventário

A freqüência e grau de dificuldade dos itens indicadores de habilidades sociais em relação ao inventário foram organizadas na Tabela 3.

Conforme a Tabela 3, os itens relacionados a habilidades freqüentes estão associados à dificuldade de negociação e recusa, porém uma análise mais detalhada ajuda a entender melhor o significado dos itens no contexto das condições de vida dos meninos.

#### *Dizer Não (Itens 7, 21 e 28)*

Houve relato de alta freqüência de dificuldade de habilidade nas situações que envolviam

Tabela 3. Valor Médio da Freqüência de Comportamentos Especificados em Cada Item (o valor zero representa a freqüência mínima e o quatro a freqüência máxima)

No. do Item	Conteúdo do item
18	Pedir mais dinheiro para freguês que deu pouco
30	Convencer amigo que não está com vontade de consumir droga a fazê-lo
1	Expressar felicidade para círculo de amigos
3	Levar na esportiva gozações dos amigos
27	Obter sucesso na negociação com o empregador
32	Reagir de forma não agressiva às críticas
5	Fazer perguntas necessárias para tirar dúvidas na escola
9	Negociar com familiar o dinheiro que conseguiu nas ruas
13	Sair em vantagem nos rolos com os amigos
23	Argumentar com dono do estabelecimento, mostrando os seus direitos
20	Reagir de forma não agressiva quando não é pago pelo seu trabalho
16	Expressar opinião quando outra pessoa não concorda
25	Negociar com o empregador
14	Defesa dos direitos, mesmo que o outro fique chateado
10	Ser bem sucedido na negociação de dinheiro com o familiar
7	Rejeitar fazer rolo com os amigos quando não quer fazê-lo
31	Aceitar recusa de amigo ao consumo de droga

O relato de alta frequência de emissão dessa habilidade social estava também associado à recusa de participação em infrações e, portanto, a crenças e valores. Como os comportamentos tomados como representativos destas habilidades (recusa em consumir drogas) estavam dentro do contexto de vida destes meninos, mas restritos a alguns tipos de situações que eles vivenciavam, seria interessante que estudos posteriores investigassem essa habilidade em outras situações de vida deles, tais como na família e na escola.

Verificou-se o relato de alta frequência dessas habilidades bem como uma alta homogeneidade nas respostas, podendo-se supor que elas estejam bastante fortalecidas no repertório dessa amostra.

Em alguns itens, o grupo respondeu de maneira homogênea e em outros de forma heterogênea. Assim, negociar com a família apareceu com frequência média para todos, com relato de competência na emissão desse comportamento. Já a avaliação da negociação com fregueses e empregadores foi mais diversificada. Os meninos relatam emitir comportamentos de negociação com os usuários de sua força de trabalho, mas com um certo grau de dificuldade, o que pode ir levar, muitas vezes, a não atingir o objetivo desejado (trabalho). Pode-se considerar essa habilidade como tendo grande importância no repertório dessa população, de modo que intervenções voltadas para promover o repertório de HS deveriam contemplar esse aspecto.

Verificou-se pequena variabilidade nas respostas a

Os dados referentes a essa atividade, a seguir, complementando-se, com informações obtidas nas entrevistas com os meninos que estão nas ruas, e com relatos de vigiar carro ou desenvolver outras atividades, relatam valores e condutas comuns na sociedade. Por exemplo, rejeitam o dinheiro mais com o propósito de não possivelmente porque supõem que não vão a pedir esmolas. Foi marcante, também, a preferência feita entre vigiar carro (atividade considerada mais digna) e pedir esmolas (menos digna). O preconceito com a atividade de vigiar carro, como algo que ofende à dignidade, é reforçado por uma expressão bem melhor [vigiar carro], você não é pobre, não pede dinheiro, nada, só está pedindo para ganhar dinheiro. A atividade de vigiar carros, e não pedir esmolas, é considerada contingências (necessidade), não é uma escolha, pela fala de algumas crianças, e não é uma atividade socialmente mais valorizada, como afirmam os estudos (Maciel, Brito & Camargo, 2009).

Estes dados sobre e com os de outros estudos (Swa



peçoal e interpessoal das crianças e adolescentes em situação de rua. Essas condições certamente interferem em suas possibilidades de ascensão social e de superação da situação em que se encontram (Swart-Kruger & Donald, 1996), apesar de muitos estudos (Aptekar, 1996; Hutz & Koller, 1997) as caracterizarem como resilientes no desenvolvimento de vários aspectos (pró-social, capacidade de resolver problemas, relações de amizade) assemelhando-se às crianças que não enfrentam essas adversidades.

Ao lado (e provavelmente em função) dos perigos e riscos a que estão sujeitas as crianças em situação de rua, os dados sugerem que essa população desenvolve um conjunto de habilidades interpessoais. Tal repertório de habilidades sociais parece contribuir para a eficácia, pelo menos a curto prazo, das estratégias de sobrevivência que utilizam, porém também existem déficits em outras habilidades, igualmente importantes, para um desenvolvimento global harmonioso. Assim, defender direitos, negociar interesses, recusar e aceitar recusas e pedidos parecem situar-se entre as habilidades mais freqüentes que possuem. Paralelamente, parecem ser mais escassas as oportunidades de desenvolver habilidades de expressar sentimentos positivos, fazer perguntas, lidar com críticas e “*chacotas*” e controlar a agressividade.

Pode-se afirmar que se trata de crianças e adolescentes aos quais as oportunidades de uma vida “*normal*” e de realização pessoal estão sendo negadas pelo processo de exclusão que caracteriza a atual conjuntura social brasileira. A solução desse problema exige intervenção sobre seus múltiplos determinantes, desde mudanças na política econômica (de acordo com a análise de Maciel, Brito & Camino, 1997) à implementação de projetos sociais específicos de atendimento, como as propostas de profissionalização dessa clientela (Bandeira, Koller, Hutz & Forster, 1996) e de sua reintegração à educação formal (Castro, Moura & Ribeiro, 1999; Rosemberg, 1996).

Nessa perspectiva, verificou-se que a população

seus educadores...” (Cury, Silva & Meneses, 1996, p. 167)

Além das dificuldades impostas pela falta de recursos, a urgência de obter recursos para a sobrevivência desse direito esbarra com as poderosas resistências ao sistema escolar, como a insuficiência de recursos, a entrada tardia, as taxas elevadas de reprovação e evasão (Cunha, 1980) aliadas à ineficiência do sistema educativo que ignora a realidade das crianças e adolescentes em situação de rua. Como apontam Bandeira, Koller, Hutz e Forster (1996), as crianças escolarizadas também porque o discurso da escola é muito distanciado de sua realidade. Muitas vezes as propostas ingênuas para o seu amadurecimento. As professoras falam de valores, como honestidade e desonestidade, que são contradições circunstanciais para essa clientela e a escola. Os valores de comportamento (hábitos de higiene, pontualidade, obediência) bastante diferentes daqueles da cultura de grupo psicossocial (Bandeira et al., 1994).

Somando-se à preocupação com as condições de vida sobre o desenvolvimento das crianças e adolescentes em situação de rua, o presente estudo chama a atenção para a importância do desenvolvimento, o interpessoal, que atua sobre os valores e habilidades, permitindo estabelecer uma ponte entre tais processos psicológicos e a realidade das crianças por essas crianças em seus grupos. As habilidades interpessoais identificadas, e também as atitudes aparentemente presentes no repertório das crianças, apontam para a necessidade de se repensar a educação escolar junto a essa clientela. É necessário que se devesse reforçar alternativas à educação escolar, aquelas propostas pelos educadores de acordo com a filosofia de garantir os deveres e direitos das crianças no Estatuto da Criança e do Adolescente, e também o desenvolvimento social e emocional.

- Bandeira, D. R., Koller, S. H., Hutz, C. S. & Forster, L. (1996). Desenvolvimento psicossocial e profissionalização: Uma experiência com adolescentes de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 185-208.
- Bonamigo, L. R. (1996). O trabalho e a construção de identidade: Um estudo sobre meninos trabalhadores na rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 129-152.
- Caballo, V. E. (1993). *Manual de evaluación y entrenamiento de las habilidades sociales*. Madrid: Siglo XXI.
- Castro, C. R., Moura, M. L. S. & Ribeiro A. (1999). Oficina de informática com meninos e meninas de rua: Relato de um experiência. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 241-258.
- Cunha, L. A. (1980). *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- Cury, M., Silva, A. F. A. & Mendez, E. G. (Orgs.). (1992). *Estatuto da criança e do adolescente comentado*. São Paulo: Malheiros.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P. & Barreto, M. C. M. (1999). Habilidades sociais en la formación del psicólogo: Análisis de un programa de intervención. *Psicología Conductual*, 7, 27-47.
- Del Prette, A., Del Prette, Z. A. P., Pontes, A. C. & Torres, A. C. (1998). Efeitos de uma intervenção sobre a topografia das habilidades sociais de professores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2, 11-22.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1995). Notas sobre pensamento e linguagem em Skinner e Vygotsky. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 8, 147-164.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1996). Habilidades sociais: Uma área em desenvolvimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 233-255.
- Del Prette, Z. A. P. & Del Prette, A. (1999). *Psicologia das habilidades sociais: Terapia e educação*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., Del Prette, A. & Barreto, M. C. M. (1998). Análise de um Inventário de Habilidades Sociais em uma amostra de universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14, 219-228.
- Dimenstein, G. (1995). *O cidadão de papel*. São Paulo: Ática.
- Feldman, R. S. (1992). *Applications of nonverbal behavioral theories and research*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Haguet, T. M. F. (1982). *O mito das estratégias de sobrevivência: Um estudo sobre o trabalhador urbano e sua família*. Fortaleza: UFC.
- Hargie, O., Saunders, C. & Dickson, D. (1994). *Social skills in interpersonal communication* (3ª ed.). London: New York: Routledge (Original publicado em 1981)
- Hidalgo, C. H. & Abarca, N. M. (1992). *Comunicación interpersonal - Programa de entrenamiento en habilidades sociales*. Santiago do Chile: Editorial Universitaria.
- Hutz, C. S. & Koller, S. H. (1997). Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. *Estudos de Psicologia*, 2, 175-197.
- Koller, S. H. & Hutz, C. S. (1996). Meninos e meninas em situação de rua: Dinâmica, diversidade e definição. Em S. H. Koller (Org.), *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida* (pp.11-34). Porto Alegre: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.
- Maciel, C., Brito, S. & Camino, L. (1996). Crianças e adolescentes em situação de rua de João Pessoa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 153-164.
- Martins, R. A. (1996a). Censo de crianças e adolescentes em situação de rua em São José do Rio Preto. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 165-176.
- Martins, R. A. (1996b). Crianças e adolescentes em situação de rua: Condições, evolução e políticas de atendimento. Em S. H. Koller (Org.), *Aplicações da psicologia na melhoria da qualidade de vida*. Porto Alegre: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.
- Menezes, D. M. A. & Brasil, K. C. T. (1996). Crianças e adolescentes em situação de rua: A criança e do adolescente em situação de rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 327-344.
- Noto, A. R., Nappo, S., Galduróz, J. C. F. (1996). O uso de drogas em situação de rua de seis capitais brasileiras. In: UNIFESP.
- Rafaelli, M. (1996). Crianças e adolescentes em situação de rua: O caso de Dodger ou Oliver Twist? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 177-188.
- Rosenberg, F. (1990). A concepção de habilidades sociais para crianças e adolescentes em situação de rua. Em S. H. Koller (Org.), *Abuso de drogas entre meninos e meninas*. São Paulo: Ave Maria.
- Rosenberg, F. (1996). Estimativa sobre o uso de drogas em situação de rua: Procedimentos de uma pesquisa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 259-270.
- Swart-Kruger, J. & Donald, D. (1996). O uso de drogas em situação de rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 59-82.
- Trower, P. (1995). Adult social skills: Strategies for teaching. Em W. O'Donohue & L. Krasner (Orgs.), *Behavioral training: Clinical techniques and applications*. Boston: Allyn and Bacon.
- Tyler, F. B. & Tyler, S. L. (1996). Crianças e adolescentes em situação de rua. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 9, 83-100.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação social da mente: Os processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins

## Anexo A

### Inventário de Habilidades Sociais, Crenças e Sentimentos

#### Instruções

*Eu vou ler vários itens para você. Alguns apresentam uma ação, sentimento ou crença, que aparecem aqui destacados em negrito, e você deve responder sobre a situação onde ocorrem. Em outros itens, eu vou perguntar se você sente dificuldade para reagir da forma aqui sugerida. Responda cada item falando sobre a frequência ou a intensidade da sua reação, indicando, nesta escala a sua resposta. A escala vai de zero, que corresponde ao nunca, o ponto um é quase nunca, o dois é algumas vezes, o três é quase sempre e o quatro é sempre. Responda em que vou pedir que você me responda concordando ou discordando das afirmações que vou ler para você. Se você nunca lhe tenha acontecido, responda como se tivesse ocorrido, considerando seu possível comportamento. Você é obrigado a responder. Eu lhe explico de novo.*

#### Itens

1. Quando está se sentindo feliz, *expressa (conta) isso para as pessoas do círculo de amizade (família, amigos da escola e da rua)?* ☐
2. Qual o grau de dificuldade que você tem para expressar isto? ☐
3. “Leva na esportiva” as gozações de colega da escola ou da rua a seu respeito? ☐
4. Qual o grau de dificuldade de se controlar? ☐
5. Na escola, quando não entende algo, *faz as perguntas necessárias para seu entendimento?* ☐
6. Qual o grau de dificuldade de fazer essas perguntas? ☐
7. Quando algum colega quer “fazer rolo” [negociar] com você (troca de pertences), *mesmo não querendo, você acaba aceitando a troca?* ☐
8. Qual o grau de dificuldade de recusar a troca? ☐
9. Considerando que seu pai/mãe/outra pessoa queira ficar com parte do dinheiro que você conseguiu na rua, e você também quer ficar com este, *você negocia o que quer com eles?* ☐
10. Considerando as vezes que é necessário negociar com a mãe/pai, *quantas vezes você obtém sucesso?* ☐
11. Qual o grau de dificuldade dessa negociação? ☐
12. Qual o grau de dificuldade de “fazer rolo” com os amigos? ☐
13. Das vezes nas quais você “faz rolo” com os colegas, *quantas vezes você sai em vantagem?* ☐
14. *Você defende os seus direitos, mesmo que o outro fique chateado?* ☐
15. Qual o grau de dificuldade dessa defesa? ☐
16. *Expressa suas opiniões para as pessoas com quem convive, mesmo que elas não concordem com elas?* ☐
17. Qual o grau de dificuldade dessa expressão? ☐
18. *Você pede mais dinheiro para um freqüente que lhe deu pouco?* ☐
19. Qual o grau de dificuldade de fazer isto? ☐
20. Quando alguma pessoa não quer lhe pagar pelo seu trabalho (“olhar” carro, engraxar sapato, outros), *você costuma reagir de forma agressiva?* ☐

29. Qual o grau de dificuldade de recusar o convite?
30. Quando você convida um amigo para fumar maconha ou *crack*, mesmo que ele não queira, *ele acaba aceitando?*
31. Quando você convida um amigo para fumar maconha ou *crack*, caso ele não queira, *voce aceita a recusa dele, sem ficar chateado?*
32. Quando um de seus familiares ou colega de rua, por algum motivo, lhe critica, *voce costuma reagir de forma agressiva?*
33. Acha que a mãe, pai ou outro tem todo o direito de ficar com todo o dinheiro que voce ganhou?
34. Acha que tem o direito de ser tratado com respeito e dignidade?
35. Acredita que tem o direito de ser independente, ou seja, de fazer as coisas que voce acha que deve sem interferência dos outros?
36. Acredita ter o direito de decidir o que fazer com o próprio corpo?
37. Acha que tem o direito de trabalhar na rua - olhando os carros, engraxando sapatos, outros?
38. Acha que tem o direito de pedir roupas, alimentos e dinheiro nas ruas e nas portas das casas?
39. Pensa que as pessoas tem o direito de recusar-lhe ajuda?
40. Pensa que tem pleno direito de fazer o que quiser com as coisas que lhe pertence, inclusive dinheiro?
41. Acredita que “*olhar*” carro é melhor que pedir?
42. Sente-se sozinho trabalhando nas ruas?
43. Nos conflitos com a polícia, acha que a mesma “*não vira nada*” [não tem maiores conseqüências?